

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Administrador — Prof. J. FERREIRA BOTELHO.

Escola Industrial

O desabafo dum Vimaranesa

(Retardado)

... Senhor Director do «Notícias de Guimarães»:

Muito grato ficaria a V... permitindo-me, mais uma vez, a utilização de um cantinho do seu conceituado jornal. E desculpe. Mas, perante a tentativa contra a nossa Escola de «F. de Holanda», não posso deixar de exprimir, publicamente, aos meus conterrâneos, o que penso, embora os não interesse o meu pensar.

O grito de alarme do «Notícias de Guimarães» a propósito do despropósito da cedência de parte do material mecânico da nossa Escola Industrial e Comercial, para uma escola do Porto, ecoou já nas repartições da Direcção Geral do Ensino Técnico.

Com o espírito alvoroçado, em revolta, revolta e alvoroço de todo o vimaranense que preza a sua terra, não pude conter-me sem fazer chegar às mãos do nosso digno e ilustrado Director Geral, tam vibrante quam sentida manifestação bairrista — característica da alma do bom povo da nossa sempre querida Guimarães —.

Mas... reflectindo, julgo não haver motivo para sustos. E' certo que essa maldadada terra tem tido azar, e, tam pouco habituada ao tratamento a que teria jús, receia, a todo o momento, ser espiada do pouco que lhe resta.

E' natural, é humano. E, diga-se de passagem: em tais circunstâncias nem só o minhoto seria desconfiado; ao contrário do que aqui se pensa, privativo do carácter da gente minhota. Presentemente, porém, entremos em sossêgo, tranquilizemo-nos, confiemos no alto critério de S. Ex.ª o Sr. Engenheiro Nobre Guedes: S. Ex.ª jamais consentirá que se prejudique uma das mais antigas escolas técnicas de Portugal, pertencendo ao número daquelas que mais direito têm à vida, por isso que serve uma das regiões de maior actividade industrial do nosso país.

Com efeito: Como poderia compreender-se que, uma escola de *tecelagem*, única e exclusivamente de *tecelagem*, (na sua secção industrial) apetrechada pobremente, apenas com oito teares mecânicos e outros tantos manuais, houvesse possibilidade de se reduzir ao número já diminuto das suas máquinas, sem grande prejuízo para o ensino?

Mais facilmente e com maior justiça, uma escola de *arte aplicada* poderia e deveria esperar pacientemente os seus melhores dias, visto que nela se ministra, simultaneamente, o ensino de vários *offícios*, e não prejudicaria outra escola que o é, simplesmente, do officio de *tecelão-debuchador*.

Mas, não é esta a primeira vez que a Escola de «Faria Guimarães», do Porto, arregala os seus olhos cubiçosos para a maquinaria da Escola de «F. de Holanda».

A' primeira investida encontrou-me pela frente, com vaidade o digo, a defender enérgicamente, como me competia na minha qualidade de director d'este estabelecimento de ensino, os seus sacratíssimos e legítimos interesses.

E a maquinaria ficou. Agora, encontra também firme, no seu posto, sem dúvida, com igual, senão maior, energia, o meu digno sucessor, terçando armas pela nossa escola, escudado, como eu então, pelo ilustrado corpo docente, — excelentes camaradas que o rodeiam e cuja lealdade nunca alguém ousou desmentir —.

E a maquinaria ficará. Porque: O facto de *tudo isso* não estar em laboração, não poderia, de forma alguma, justificar a cedência.

A circunstância de não se encontrar *tudo isso* em movimento, não pode fundamentar-se na incúria de quem quer que seja, mas tam sòmente na falta de verba.

Acresce ainda que, o material aí existente é pouco, pouquíssimo, para a importância dessa Escola, não podendo, consequentemente, considerar-se como *repetido* (significando *inútil*) ou *sobran-te*, o duplicado, triplicado, etc., de qualquer dessas máquinas e cedido sob esse pretexto.

E, se há falta de dinheiro para pôr a funcionar, nessas oficinas, os maquinismos ainda em repouso, como poderá havê-lo para a sua instalação na escola do Porto? Mas... haverá.

Ignoro os termos em que foi formulado o pedido de cedência, mas naturalmente assenta em bases falsas.

Estou convencido de que a nossa Escola, longe de ser cercada no seu exiguo recheio oficial, há-de, certamente, melhorar de condições, ampliando-se-lhe o material de que carece. Haja em vista que a campanha em prol do ensino técnico, iniciada e desenvolvida aqui, no «Diário de Notícias», não exclue as escolas da província, creio eu, em proveito das escolas de Lisboa e Porto.

Se exclue, então, juntarei o mais veemente e formal protesto, ao protesto inevitável dos meus caros conterrâneos, pensando como vós pensais: que *isto de alumiar um santo com a cêra de outro, não dá certo*.

Lisboa - II - 1934.

ABEL CARDOZO.

Nota da Redacção:

O Senhor Abel Cardozo, Vimaranesa ilustre e defensor intransigente dos interesses da sua querida Terra, acaba de dar mais uma prova do seu arreigado bairrismo, aumentando, assim, o número das muitas que já tem dado. Como Pro-

Ferros Curtos

Cuidado com as batatas...

Dizem-nos que os açambarcadores andam rondando em volta das batatas, esperando-se, por isso, que este tubérculo suba de preço. E' necessário não deixar sair do concelho as batatas necessárias ao nosso sustento.

(Do Comércio de Guimarães).

Rondam açambarcadores Em desenfreada lida, Na cidade e arredores, Em busca, sabem leitores? Da batata apetecida...

Logo «O Comércio» assustado Deita alarme, e com razão, Para que o povo, coitado! Não fique agora privado Daquela alimentação.

Nestas épocas precárias De silêncio e de chibatás, A todos são necessárias, Por mais pôdres e ordinárias, As rechonchudas batatas...

Se o tubérculo referido Escasseia no mercado E altamente for cotado, — Está o mundo perdido... — Está o caldo entornado...

Por isso «O Comércio» diz Num grande estremecimento — E lá nisso foi feliz! — Que o precioso alimento Não deve sair do país.

Do contrário muita gente, E pessoas bem sensatas Dariam, futuramente, Bom dinheiro, infelizmente, P'ra comer duas batatas...

BANDARILHEIRO.

Visado pela Comissão de Censura.

GRAVATAS

Coleção Páscoa

as últimas criações em exposição na

Casa das Gravatas

O S. Tiago do nosso Alberto

Aquele estudioso Vieira Braga que entrou galhardamente no livro de *Homenagem a Martins Sarmento*, tomou para tema do seu trabalho a *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal* e encheu boas e variadas vinte e cinco páginas do grande livro.

Aos etnólogos e aos Amigos apresentará o Alberto a separata do seu paciente labor, o seu aturadíssimo estudo sobre assunto que tanto se prende à nossa terra.

O Alberto habituou-se a ver o S. Tiago da Costa, e o fundo festivo dali à beira despertar-lhe-ia a lembrança de se agarrar ao S. Tiago da Galiza e remexer os cartapácios e compulsar os autores consagrados e concatenar dados vários sobre as antigas romagens a Compostela.

E assim foi. Pela História a dentro, o Alberto mostra-nos a vida progressiva das romarias a S. Tiago.

Diz-nos do material e da arte que ali levou a devoção de Portugal.

Fala-nos das doações, foros e ofertas ao Santuário de velha fama.

Refere-se aos visitantes e peregrinos que da Lusa Terra houve-

Fôlhas Perdidas

Junto ao brazido do meu lar antigo. O vento da montanha urzeira e o marulho do mar salgado estorcem-se e soluçam inquietos. A mesma sombra estremece e assusta-se o próprio silêncio. No fumo da lenha, as núvens cinzentas, que se vão desnovelando e crescendo do coração sangrando do fôgo, voltejam farrapos de luto. Vai a afrouxar a candeia. Ainda se derrama, com ternura, pelas encarquidinhas coisas-de-nada que há tantos anos beija de luz. Estalida em ânsias aflitas, e, humildemente, quebra e morre, aos arífos ligeiros e sêcos. Ah! como é grande a noite no mais pequenino e escondido canto: a nesga estreita da choupana, amolecida, desfeita a còdea de muro que a cercava, alarga-se, confunde-se, mistura-se na treva imensa de tóda a noite. Até o bom fôgo amigo, casalinho e patriarcal, me enge-lhou de frio — um frio que me arripia a consciéncia no adormeci-mento do corpo exausto. Estou tão só e entristecido como se de mim se houvera também partido a minha alma: alma errante e pe-nada, o sonho de uma sombra...

Mas sinto na minha fronte o doce afago de uns dedos carinhosos, mãos de neve, mas de neve suavemente amiga, e oiço uma voz muito distante, voz espectral e tam avozinha!: «O' homem impenitente na tua própria confissão!, ó velho timorato e sem fé! O orgulho do pensamento não é menos envenenador que a degradação sensual. Levanta o teu espírito abatido de vaidade, e confia. Alegra-te de tua dor no seio criador da tempestade — a tua expiação é o começo de um melhor novo mundo... O que andas tu buscando, ó pródigo-avarento? — Elege a virtude como tua única filosofia, e terás a verdade; sê humilde, e conhecerás a paz; sê bom, e alcançará a justiça. Não blasfemes das torturas do pensamento humano, mesmo nos seus desvários, porque é o feio pecado da inveja. Acredita tu, na perfeição — e ela te conduzirá à moral. Ama o trabalho porque ele é o manancial da riqueza maior — a dignidade da consciéncia. Perde o afêro cobarde à vida mesquinha e passageira, arrisca-a pela nobre causa de teus filhos — e a tua morte vencerá a morte. O' sonho de uma sombra, deixa de novo florir a primavera do teu coração. Tu nem mesmo já sabes o que é o amor. Toma a mão da mulher e pede-lhe constrictamente perdão de tanto mal que lhe fizeste e das mentiras com que a envenenaste. Ama o teu lar e subirá, na alma de teus filhos, então, verdadeiramente, à imortalidade».

Assim disse a voz. Ouviu-a o meu coração: será, porventura, capaz de a compreender a minha inteligência?

EDUARDO D'ALMEIDA.

ram por bem levar os seus votos a Compostela.

Discute a possível estada de S. Tiago no Burgo Vimaranesa.

Colecciona cantares do povo ao Apóstolo querido.

E em todo o seu interessante trabalho, naquelle seu escrever tão cheio de côr e vida, a gente admira o folclorista marcante a honrar a nossa terra e a avolumar o formoso livro onde figuram tantas sumidades nacionais e estrangeiras que se prezaram de prestar homenagem ao grande Arqueólogo de Guimarães.

G.

Semana Santa

Assinada por várias entidades está sendo enviada a seguinte circular:

«Não ignora V. Ex.ª que no ano passado se realizaram nesta cidade as solenidades da Semana Santa com um brilhantismo fora do vulgar e tam em

harmonia com os sentimentos religiosos da população vimaranense.

Tratava-se de restaurar uma velha usança da antiga e insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, onde sempre se faziam as festas da Semana Santa com muito esplendor, e de sole-nizar o Ano Santo da Redenção pro-mulgado por Sua Santidade Pio XI.

E' ainda com os mesmos objectivos e porque julgamos esta iniciativa nobilitante para todos os católicos vimaranenses que os abaixo assinados se propõem realizar também neste ano as mesmas solenidades, imprimindo-lhes uma feição ainda mais acentuadamente piedosa e solene, como se verificará pelo programa a publicar.

Neste intuito tomamos a liberdade de solicitar de V. Ex.ª um óbulo para as grandes despesas a fazer, podendo V. Ex.ª remetê-lo ao último dos signatários, na rua Elias Garcia, n.º 20.»

No próximo n.º publicaremos o programa das imponentes solenidades religiosas que têm início no próximo domingo.

V. Ex.ª deseja uma perfeita beleza? Tem NALLY, na Casa das Gravatas.

fessor e Director da nossa Escola Industrial e Comercial, sua ex.ª nunca hesitou um só momento em contribuir para o progresso d'este importante estabelecimento de ensino. Sempre que se tratasse de qualquer assunto que prejudicasse o desenvolvimento e o progresso da Escola de que era muito digno Director, o senhor Abel Cardozo era o primeiro a reagir, mas com tal persisténcia que não descurava por um só momento o assunto em questão. E foi assim que sua ex.ª conseguiu, em tempos, que da nosa Escola Técnica não saísse uma só peça do material aqui existente, a quando duma investida feita pela mesma Escola do Porto, que mais uma vez se lembrou, embora imprudentemente, de levar daqui, da nossa Escola, algum material. Foi este o motivo que nos levou a dar o grito de alarme, por intermédio do nosso jornal, ao qual o senhor Abel Cardozo tam dignamente se associou, facto que muito nos cativa, não só por termos o prazer de registrar nas colunas do nosso modesto jornal a autorizada opinião de sua ex.ª, mas ainda por continuar a defender, activa e desinteressadamente, a nossa Escola Industrial e Comercial, da qual foi um belo ornamento e um acérrimo defensor, sendo-lhe facilitada esta última circunstância por uma boa e leal camaradagem dos seus colegas, a quem sua ex.ª faz a justiça devida. Diz o senhor Abel Cardozo que fez chegar às mãos do Ex.º Senhor Engenheiro Nobre Guedes, digno Director Geral do Ensino Técnico, o nosso jornal e aconselha-nos a confiar no alto critério d'este distinto funcionário, que a este ensino tem prestado relevantes serviços. De facto, assim deve ser, porque não é justo, como muito bem diz o senhor Abel Cardozo, que se *alumie um santo com a cêra de outro*. Sendo assim, não teremos nós, como vimaranenses, o desgosto de lavrarmos o nosso protesto, pois não seria sem elle que a tentativa da Escola do Porto conseguia vingar.

Só na Antiga Casa Barroso de Braga & Carvalho, L.ª se encontra à venda, e sempre fresco, o legítimo

Pão de Ló de Margaride de Leonor Rosa da Silva, L.ª

assim como lindas caixas de fantasia, para amêndoas e bom-bons, próprias para bríndes. Vinhos do Porto CALEM e BORGES Largo do Tournal 78 Guimarães

As minhas impressões

XL

Meu amigo:

De vários assuntos te tenho falado, alguns de relativa importância, mas há um que tem estado no rol daqueles que figuram no esquecimento, quando a justiça manda que dêe também se fale. Quero referir-me ao grupo «Vitória Sport Club», que na corrente época de jogos tem alcançado as mais condignas vitórias. Constituído por um conjunto de rapazes activos e cheios de boa-vontade, tem conquistado grandes triunfos, colhidos em desafios com outros grupos de nome já feito. A par de um conhecimento perfeito da técnica do jogo, os rapazes do «Vitória» têm outras qualidades que os tornam merecedores da minha simpatia. De entre essas qualidades, sobressaem as de uma grande lealdade e correcção, sempre bem manifestas em todos os actos inerentes ao jogo do foot-ball. Porque, meu caro, não é somente necessário saber jogar. E' também necessário haver lealdade, correcção e compostura. Se assim não for, tudo peca por falta de educação indo reflectir-se esta desagradável nota na própria terra. Felizmente, não se dá nada disto com os jogadores do «Vitória», motivo porque eu, que não sendo conhecedor nem amante do foot-ball, tenho certa simpatia pelo grupo local, exactamente por ter reconhecido que, compenetrado do seu papel, não cria antipatias. De facto, só assim se justifica a existência deste desporto, porque a verificar-se o contrário seria o mesmo que reclamar a sua proibição. Ficas, pois, a saber que o «Vitória Sport Clube» de Guimarães é hoje um dos principais grupos do Distrito e que continua disposto a não deixar a sua honra por mãos alheias. Os progressos obtidos nos últimos tempos são o melhor testemunho do que acabo de te dizer. Os briosos rapazes e, bem assim, a digna e competentíssima Direcção, são, portanto, dignos destas ligeiras palavras de justiça, que tu, por tua vez, transmitirás aos teus amigos, se nisso não tiveres repugnância. Continuando sempre ao teu dispor, abraça-te o

Teu m.º ded.º

Guimarães, 7-III-1934.

Miora.

Ignorância ou maldade?

Entre a ignorância e a maldade há uma diferença de relativa grandeza.

A ignorância pode conduzir-nos a um caminho errado ou obrigar-nos a cometer uma falta, que, embora de certa gravidade, pode ser desculpável, atendendo às circunstâncias em que é praticada, isto é, atendendo a que não há o propósito de, voluntariamente, ferirmos a honorabilidade de quem quer que seja. Quanto à segunda, a maldade, ninguém pode duvidar da intenção com que certas criaturas cometem determinados actos dignos da censura de todas as pessoas de bem e que são reveladores de maus exemplos *doados* à posteridade! E' dentro deste critério que eu encontro a verdadeira diferença entre ignorância e maldade, sem que, todavia, desconheça que à existência da primeira anda, por vezes, aliada a segunda. E é só assim que pode justificar-se o número dos *ignorantes maus*.

Em face disto, não sei a qual destas categorias pertence o professor primário que, na Festa escolar do dia 9 do corrente, realzada, como de costume, na Benemerita Sociedade Martins Sarmento, disse, referindo-se às Escolas das aldeias, *que os alunos saiam delas corrompidos!!!* Não sei se o orador é portador de qualquer doença mental ou se desconhece a diferença que há entre o ambiente moral da aldeia e o da cidade. Caso não se verifique a primeira circunstância — e oxalá que assim seja — o sr. professor em referência, que já esteve muitos anos na aldeia, no exercício das suas funções, afastou-se dos sagrados deveres da sua profissão, deixando sair da sua escola os alunos corrompidos! E deve ter sido assim, por-

que só por experiência própria poderia ter feito tam desastrosa e tam inoportuna afirmação. Agora, que se encontra na cidade, pretende atribuir aos seus colegas das aldeias a falta de scrúpulo na preparação moral dos alunos. Completamente desviado da verdade e da justiça que deve fazer-se à grande maioria da classe do professorado primário, quer das cidades, quer das vilas, quer das aldeias, não deve o dito professor deixar de dar uma satisfação aos colegas que procurou atingir, atenuando, assim, a má impressão que causaram as suas palavras. Além disso, devia ter o cuidado de não abusar da consideração que todos devemos ter pelas criancinhas das aldeias e sobretudo naquela ocasião em que muitas delas ali se encontravam presentes, compartilhando da Festa que lhes dizia respeito, e que, a-par-de um prémio recebido, pelo seu bom aproveitamento e comportamento, foram, também, rudemente magoadas.

Ora não está certo. A prudência, sempre aconselhada, é uma das qualidades que *recomenda* qualquer pessoa, principalmente quando se trate de quem tenha de responder pelas consequências dos seus actos. Afimar que as crianças das aldeias saem *corrompidas* das escolas, é lançar sobre elas e sobre os seus dignos professores uma mancha na sua reputação.

Não sou professor primário; se o fôsse, exigiria a reparação da calúnia, não só para manter o prestígio da minha dignidade profissional, como, também, para salvaguardar a educação moral dos alunos, que não pode andar à *mercê* duma má desorientação de ideias. Para mim — não tenho repugnância em afirmá-lo — foi uma nota desagradável que ocorreu na simpática Festa do dia 9, e que à digna Direcção da S. M. S. não devia ter passado despercebida, como, aliás, sucedeu a todo o auditório.

Sem procuração de ninguém para manifestar a minha opinião, e para lamentar a infelicidade de um orador que não tem a serenidade precisa para *erguer* a sua voz no salão nobre da referida Sociedade, eis o que eu penso, sem pretender ofender ninguém.

RAMIO.

P. S. Não revelo o nome do professor-orador, por isso não me interessar. Se alguém entender fazê-lo para evitar erradas suposições, nada tenho com isso.

R.

O veneno e os cães

Acaba de ser enviado à C. A. da Câmara, pe'a S. P. dos A., o seguinte officio:

A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, vem pedir mui respeitosa-mente a V. Ex.ª se digna ordenar, que termine de hoje em diante o triste e deprimente espectáculo da extinção dos cães nas ruas públicas, por meio de envenenamento. Toda a gente condena a maneira tão bárbara e imprópria de uma terra civilizada como a nossa, e como eles são extinguidos.

Vimos pedir a valiosa protecção de V. Ex.ª para que sejam rigorosamente cumpridos os artigos 13, 14, 15 e 17 do Decreto n.º 18.725, publicado no «Diário do Governo», 1.ª série, de 6 de Agosto de 1930.

Com os nossos protestos de consideração e estima, aceitem V. Ex.ª os nossos sinceros cumprimentos.

A Bem da Nação.

O Presidente,

(a) Bernardino Gonçalves Barroso.

Oxalá termine definitivamente tam selvagens e repugnantes espectáculos.

OS NOVOS PAÇOS DO CONCELHO

III

A vereação de 1919-1922 nada fêz relativamente à construção dos novos Paços do Concelho. No relatório da gerência que eu tive a honra de assinar, falando-se da necessidade de esta e outras obras municipais, exalta-se o plano de melhoramentos deixado pela vereação de 1913-1916, onde se incluía o projecto dos Paços do Concelho — *apenas reprovando a sua localização*.

Vem a vereação de 1923-1925: e porque lhe pertencia a ideia do projecto dos novos Paços do Concelho, — posto de parte por precalços da política e circunstâncias económicas derivadas da Grande Guerra, — decididamente se lança na sua construção, mudando a sua localização da Praça de S. Tiago para a estrada de Fafe.

Em um folheto editado pela Câmara, foi dado então a público um projecto do alargamento da cidade, do qual o seu autor diz — «é a Guimarães moderna, é a cidade futura, é, finalmente, o seu progresso, a sua vida cantados no seu entusiástico hino.»

Animada a vereação pelo lirismo desta prosa, lança uma derama especial para os novos Paços do Concelho: *por maneira que, em vez de ser todo o concelho a contribuir para a sua construção, são apenas meia dúzia de freguesias!*

Mas ninguém protesta; não porque ache justo, mas porque o nosso povo *suporta e abstem-se* — por não ter quem o conduza!

Começada a obra dos novos Paços do Concelho, um ano depois — 1926 — indo ao encontro de vagos rumores da crítica indígena, formulava eu na imprensa, entre outras, estas perguntas: — «Tem essas obras... algo de mau? Tem o projecto do edificio falta de proporções architectónicas para o local onde se está construindo?»

E solicitava «aos entendidos na matéria» — que se pronunciassem, que falassem, pondo de parte o «suporta e abstem-te» dos vulgares comodismos e fraquezas.

«Comércio de Guimarães» — 4-5-1926.

Meses depois, notando não serem conhecidas «referências da imprensa à planta que localizou os novos Paços do Concelho» — pois emitia então meu parecer que esse edificio devia ter sido levantado «*mais ao fundo dos terrenos onde se estão construindo*», — lastimava, pela segunda vez, que *aqueles que deviam falar estivessem calados.*

«Ecos de Guimarães» — 19-3-1927.

Mas os entendidos preferiram meter-se na concha.

Só, pois, a 3 anos de obras (1928) é que se terçaram armas na imprensa contra a construção dos novos Paços do Concelho.

Duas correntes de opinião: De um lado, aqueles que, lastimando, embora, a localização do edificio, dadas as desigualdades do terreno e as belas perspectivas que gravemente ofendia, entendiam — *dever a obra prosseguir, atendendo o próprio architecto, autor do projecto, às deficiências do mesmo.*

Do outro lado, estavam aqueles que, por todos esses mesmos motivos e mais um... eram de parecer — *que tudo se arrazasse!*

Vingando neste lance o parecer dos primeiros, a obra prosseguiu, gastando-se nela mais uns — centos de contos.

1934 — Novo rumor se ergue à volta da decantada construção. Agora, quem descarregará a cla-

va, foi a Direcção dos Monumentos Nacionais (Norte).

Já aqui reproduzi esse parecer que, em síntese, é este:

— *Ser preferível acabar a construção, sujeitando-a a linhas architectónicas mais singelas, que arrasar a parte feita!*

Que vai agora succeder?

Adopta a Comissão Administrativa da Câmara Municipal este critério da Direcção dos Monumentos Nacionais?

Se o adopta, chama para ele a atenção do architecto snr. Marques da Silva e convida-o a fazer um estudo em que se concilie as linhas architectónicas da parte construída com o pensamento crítico da Direcção dos Monumentos Nacionais.

Importa, contudo, esclarecer: *se a conclusão do edificio não logra do Estado nenhuma comparticipação no seu custeio, nada tem a Direcção dos Monumentos Nacionais com o rumo que a obra venha a tomar!*

E' o Município um organismo do Estado, é certo; mas é, *administrativamente*, autónomo.

Adaptar a parte construída a outra coisa que não sejam os Paços do Concelho — é pura fantasia.

A sala das sessões do edificio camarário actual, tem 8,º 30 por 6,º 20.

A sala das sessões do edificio em construção tem 16,º por 10,º. Mas tem a faculdade de se poder ligar com duas dependências contíguas, podendo em caso de necessidade transformar-se num salão de 37,º 50.

Se o edificio não acomodar todas as repartições públicas, corresponde, ao menos, às necessidades dos serviços propriamente camarários. E' quanto basta.

Não percamos pois tempo, já agora, com bizantinices.

A oportunidade em recuar, em voltar atrás, corrigindo a localização do edificio — o principalissimo, o fundamental erro na construção! — teria sido em 1926.

Mas, nessa data, dirigindo eu um apêlo «aos entendidos na matéria», eles metiam-se na concha. Falavam só nos botequins.

Agora... é remediar o que fôr remediável e — toca a concluir o edificio!

A. L. DE CARVALHO.

Casa dos Pobres

A Comissão que se propôs fundar a «Casa dos Pobres, recebeu já os seguintes donativos para a sua instalação:

Paulino Ferreira Leite (Hotel do Toural), 500\$00; Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, 100\$00; Alberto Martins Cardoso de Menezes (Margaride), 100\$00; João Teixeira de Aguiar, 100\$00; José Pinto Teixeira de Abreu, 100\$00; Francisco de Assis Pereira Mendes, 100\$00; Domingos Pereira Mendes, 100\$00; José Gonçalves, 100\$00; por intermédio do sr. Augusto Silva, de dois anónimos, 100\$00; Alberto Pimenta Machado, uma peça de riscado e uma peça de cotim; Fernando Almeida & C., uma peça de riscado; Fábrica do Minhoto, uma peça de pano para lençóis; Fábrica do Castanheiro, 12 colchas brancas e 3 dúzias de toalhetes; Fábrica do Cavalinho, duas peças de pano branco; Bento dos Santos Costa & C., 24 camisolinas e 138 metros de panos diversos; Fábrica do Arquinho, 24 toalhetes, 6 colchas brancas e uma peça de pano branco.

No próximo número começaremos a dar publicidade aos restantes donativos.

ATENÇÃO

Temos em exposição as últimas novidades em popelines para camisas, que executamos por medida, e em qualquer modêlo. Garantimos o corte, que é um dos melhores.

CASA DAS GRAVATAS

«Reflexos Filológicos»

Está a dirigir a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa aquele valente arcabouço de linguista que é o Doutor João da Silva Correia.

O seu caboucar omnímoto em todas as feições da linguagem assombra quem se dilicie em apreciar estudos de minúcia e observação como os sabe fazer o filólogo eminente.

A *Labor* publicara os seus *Reflexos filológicos do aprendizado do alfabeto*.

A *Revista Lusitânia* fôra mimoseada com os *Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários* e os *Ecos lingüísticos da soletração e da silabação*.

O volume de homenagem a Mário Barreto trará os *Ecos lingüísticos dos sinais diacríticos e pontuadores*.

Ora estes quatro formosíssimos estudos saíram agora juntinhos da Imprensa da Universidade de Coimbra, num volume feiticeiro que serve de encantamento a quem tenha o prazer de seguir com carinho as altas e fundas observações do Mestre agigantado.

Em várias revistas o ilustre Catedrático tem publicado estudos de uma variedade surpreendente.

Os Arqueólogos correm o mundo à procura de sinais escondidos que venham revelar os segredos da Pre-história.

Este Arqueólogo da Língua penetra-lhe os segredos todos, compara o falar de trezentos e quinhentos com o linguajar do século vinte, e em todas as idades e em todos os Autores ele encontra filão para os seus estudos.

Na sua tribuna do *Diário de Notícias* aparece aquela *Notas Filológicas* de côr tão variegada e de sabor tão apetitoso.

Entre os Filólogos contemporâneos este Mestre marca assinaladamente uma autoridade inconfundível.

Os seus trabalhos vão-lhe granjeando um conceito cada vez mais alto e cada vez mais assombroso.

G.

VENDE-SE

O casal de Covas, situado próximo à Corredoura, na freguesia de S. Cosme da Lobeira.

Compe-se de bons terrenos lavradios, árvores de fruto e olivais. Tem o mato preciso para a sua cultura e água em abundância. Produz bastante vinho de boa qualidade e paga de renda anualmente 6 carros e 10 alqueires, tendo anos de produzir mais de meia pipa de azeite.

Pode informar: João Evangelista Neves de Almeida.

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Bebedouro para animais

A Direcção da S. P. dos A. enviou à Câmara a seguinte petição:

A Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, vem pedir a V. Ex.ª se dignem mandar transferir o fontanário destinado a bebedouro dos animais, para o Largo da Condessa do Junçal, e se encontra ao abandono no principio da rua Trindade Coelho, bem como o fornecimento de água para o mesmo, por ser um acto de protecção para os pobres animais, que tanto carecem do nosso auxilio.

Gonfiada de que V. Ex.ª se dignarão atender o pedido justo desta Sociedade, que reconhecidamente muito lhes agradece.

Com os nossos protestos de consideração e estima, aceitem V. Ex.ª os nossos cumprimentos.

A Bem da Nação.

O Presidente,

(a) Bernardino Gonçalves Barroso.

Camisaria Martins -- Casa das Meias

POPELINES para camisas Coleção 1934

Consulte os NOSSOS PREÇOS. E SEPÁ NOSSO CLIENTE

POPELINE LOYO-SHRUNK Para camisas

ÚLTIMA NOVIDADE

Na CASA DAS MEIAS

Pela Escola Ind. e Comercial

A Direcção da «Caixa Escolar» deste estabelecimento de ensino, que não tem descurado o problema da assistência escolar, resolveu dar um espectáculo a fim de angariar fundos para a referida instituição de beneficência. Segundo nos informam, será representada a peça «Mulheres para a guerra» em dois actos, da autoria do nosso conterrâneo sr. A. L. de Carvalho, cujos ensaios já principiaram sob a competente direcção deste nosso bom amigo. Ainda não está marcado o dia definitivo para esta festa, mas deve realizar-se por todo o mês de Abril, num dos amplos salões da Escola. E' de aplaudir a iniciativa tomada pelos membros da referida Direcção, os srs. António Martins Júnior, António de Oliveira, Carlos Almeida Ribeiro, Manuel Antunes e Domingos M. Guerra, sendo de toda a justiça que os vimezanenses não se recusem a contribuir para o bom resultado do fim que este acto tem em vista — auxiliar os alunos pobres, sem o que não poderão frequentar a escola. Além disso, serão umas horas bem passadas, porque o enredo da peça, que é representada pela primeira vez, é muito interessante e, ainda, porque o seu desempenho deve ser perfeito, em virtude de estar a ser orientado pelo autor.

Parabéns, pois, aos alunos da nossa Escola Industrial e Comercial, e oxalá não sejam improficuos os seus esforços e a boa vontade que têm de levar até junto dos mais pobres o nectar bendito da Instrução.

Felicitemos, também, o sr. A. L. de Carvalho, em quem sempre se encontra boa disposição para prestar o seu auxilio à rapaziada da Escola. O «Notícias de Guimarães» associa-se à generosa ideia dos citados alunos e não se recusará a prestar-lhes o seu concurso.

Vai ou não vai?

O casebre da Avenida Cândido dos Reis continua na berlinda. Apesar da minha insistência junto do seu proprietário e meu prezado amigo, sr. João Rodrigues Loureiro, nada foi, ainda, resolvido sobre a sua misericórdia reconstrução. Tenho apresentado alvitres, mas não me consta que nenhum deles tenha convencido o sr. Loureiro. Sua Ex.^a continua a concordar com as minhas considerações feitas sobre o caso, mas, como isso não é o bastante para resolver a questão, estou a ver que tenho de voltar as minhas súplicas — que são, afinal, as da opinião pública — para outro lado.

Para onde irás, Pipi? O caminho, naturalmente indicado, é recorrer à ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara, a única entidade que pode satisfazer os desejos dos vimezanenses, que pedem uma coisa que ninguém deixa de considerar justa. Sei, demais a mais, que o sr. Loureiro concorda com a intervenção da Câmara, à qual não criará obstáculos. Em face disto, não há que hesitar. A Câmara Municipal soluciona, como entender, a questão do casebre, sem prejuízo para nenhuma das partes, e tudo ficará a contento de todos, desde que aquele espelho de miséria desapareça. Conservar o que está, é totalmente impossível, porque, como já tive ocasião de dizer, é um aleijão que faz corar de vergonha todo o vimezanense que dedique à sua linda terra a

consideração e o amor a que ela tem direito.

E' de supor que alguém censure a minha impertinência, mas o que é certo é que eu nada peço para mim. Considerando-me um filho adoptivo de Guimarães — pois aqui tenho passado a minha vida com um intervalo de poucos anos, apenas — custa-me ouvir dizer que o aludido casebre é o exemplo da indiferença que certos vimezanenses têm pelo progresso da sua terra natal. Assim o devem ter ouvido muitas outras pessoas, embora não tenham dito da sua justiça. Em conclusão, por hoje —

O casebre vai ou não vai?!

Pipi.

Casa — Compra-se, que seja bem situada. Ourivesaria Sousa.

Falecimentos

António da Rocha Braga

Faleceu, na quinta-feira, o antigo e estimado mestre de obras, sr. António da Rocha Braga, pai do nosso amigo e estimado contador-ajudante, em Ponte-do-Lima, sr. David Braga, a quem, como à restante família dorida, apresentamos condolências.

D. Maria de Oliveira Abreu

Na sua residência, ao Largo da República do Brasil, faleceu, ante-ontem, a sr.^a D. Maria de Oliveira Abreu, que contava 84 anos de idade e era tia dos nossos amigos srs. Rodrigo Fernandes Abreu e Terezino Augusto Machado Abreu e da esposa do também nosso amigo sr. Capitão Malaquias de Sousa Guedes. O funeral realiza-se hoje, às 11 horas, no templo de N. S. da Oliveira.

A' família enlutada enviamos os nossos pêsames.

Os nossos amigos

Veio à nossa redacção, pagar a sua assinatura, o sr. Joaquim Ferreira Guimarães, da freguesia de Gemeos.

— Pediu a assinatura do nosso jornal o sr. José da Silva Palmeira, desta cidade.

Muito obrigados.

Festividade das Dôres

No templo de S. Francisco realiza-se, na próxima sexta-feira, a festividade em honra da Virgem das Dôres, sendo orador o rev. Manuel Dias da Costa, ilustrado abade de Cete.

Representações

ARMANDO MIRANDA, estabelecido com escritório na rua Conde de Vizela, 90-1.^o, aceita representações de fábricas de tecidos.

Dá todas as referências exigidas.

QUINTAS

VENDEM-SE a dos Carvalhos e a da Bouça, situadas na freguesia de Silves, a meia hora de boa estrada desta cidade. Facilita-se o pagamento.

Informa: Camilo Laranjeiro dos Reis — Toural, 2 — Guimarães.

Exumações do Passado

(Quadros sinópticos da História Vimezanense)

VIII

(Continuação)

Escrivães da correição

A correição de Guimarães compreendia as vilas de Amarante, Canavezes e Povo de Lanhoso e os concelhos de Cabeceiras de Basto, Felgueiras, Gutaço, Gouveia, Lanhoso, Montelongo, Ribeira de Soaz, Rôças, Santa Cruz, S. João de Rei, Vieira, Ródão e Unhão, 10 coutos, 4 honras e 1 julgado.

Eis os nomes de alguns:

Diogo da Costa Silva, em 1628; Paulo da Costa Silveira, em 1634; João de Barros, em 1638, tendo falecido em 1640; Alexandre do Vale, em 1641; João Mendes, em 1695; Teodósio Barbosa de Almeida, em 1701; Pedro Alves Lobo, em 1708; José de Sousa Colaço, em 1718; António da Costa Marinho, em 1721; Joaquim da Costa Silva, em 1723; Bernardo Venâncio de Sousa, em 1725; Luís António de Almeida, em 1728; Domingos Fernandes da Rocha, em 1770; João Pinto Pereira Coelho de Melo, 1785; José Soares Pereira, em 1790; José António de Freitas, em 1807; José da Costa de Carvalho, desde 1808 até 1826. Acumulava este lugar com o de escrivão da chancelaria. Encontrando-se muito doente, pediu o mesmo lugar para seu filho, se morresse. O corregedor informou que ele desempenhava estes lugares com inteligência, satisfação do público e limpeza de mãos. Victoriano António de Freitas, nomeado em 1827; José Pereira da Costa, em 1830.

Toponímia antiga

Como em documentos antigos, referentes ao arquivo da Colegiada e noutros, como registos de prazos, doações e testamentos guardados na Torre do Tombo, aparecem nomes de várias ruas, tivemos todo o cuidado em copiá-los com toda a atenção com o fim de os apresentar-mos ao conhecimento dos leitores, principalmente vimezanenses, para que estes melhor conheçam os factos e os locais onde eles se deram. Além disto têm estes nomes grande utilidade para servirem de subsídios a um futuro trabalho mais completo sobre o assento feito por outrem da mesma terra, que vivendo nela, poderá aproveitar, com mais consciência que nós, as várias nomenclaturas por que até hoje têm passado essas ruas. Uma desapareceram talvez incluídas em quintais ou em novas construções e outras ainda subsistem, mas com outras designações. Seguem as ruas antigas pela ordem alfabética:

RUAS: de Alcobaga, dos Açoutados, porque por ali passavam os padecentes, do Anjo, assim chamado por causa de um hospital que da mesma invocação naquele local existira, em substituição de um convento que D. Deniz mandou demolir, porque na guerra que moveu contra ele o seu filho D. Afonso aproveitando a situação do convento por traz dele se escondia contra os ataques das tropas de D. Deniz, das Almoinhas; dos Açougues; da Areola; da Arrochela, onde vivia um francês Nicolau Arrochela e em 1626 houve na colegiada um cônego chantre por nome Manuel Afonso Arrochela; da Cabreria, (em 1247); da Cabaça; do Castelo; da Caldeirão; da Carnicaria; da Correaria (em 1307); do Conde D. Henrique; dos Carvalhos; dos Domingos Longo por causa de um juiz dêsse nome que ali residia; das Estravarias; do Espírito Santo; da Escuro; da Forja (em 1434); das Ferrarias; dos Fornos (em 1406); das Felgueiras; das Flores; da Fonte Nova; do Gado; dos Gafos; do Guardal; da Infesta; da Judiaria; dos Laranjais; das Laças; dos Mercadores; da Mostardeira; da Mosqueira; de Molianes (?); da Peliteira; do Pastelheiro; dos Pelames; do Pogo; do Pogo; da Porta da Freira; do Postigo; do Ourado; do Retiro; da Ramada; do Relho; do Selo; do Serralho; do Sabugal; da Sapateira; de S. Lázaro (em 1825); de Santa Margarida; de Santa Maria; de S. Paio; de S. Tiago; de Santa Rosa de Lima; de S. Sebastião; da Tulha; da Torre velha; de Traspam (?) (em 1459); da Tesouraria; de Traz os Oleiros; dos Triguais; das Trinas. LARGOS: da Fonte da Barreira; da Condessa do Juncal; dos Cestos; dos Duques de Bragança; da

Porta da Garrida; do Salvador; dos Carvalhos e da Freira.

Afóra todos estes nomes, ainda aparecem muitos outros em mais de 2500 documentos que compulsamos, referentes à Colegiada de Guimarães e arquivados na Torre do Tombo.

Assim, ali lemos:

Ilortas do Prior, Soalhães, Fato e Campo da Feira. Num documento relativo ao ano de 1458 se diz que se deram 11 libras em moeda antiga para se fazer o rocio do Campo da Feira desde o postigo à fonte, a qual nós ainda ali vemos com duas bicas e noutros encontramos as seguintes denominações: dos Bimbais, do Picóto, da Calçada, Eirado do Forno, e os lugares o Gaiteiro, o Proposto, Benlhetai e Baryas (?).

Iremos continuando a tomar nota para um dia prosseguirmos o assento com novos pormenores, porventura, mais interessantes.

Estudem-no os eruditos de Guimarães, nessa cidade residentes, para lhe darem o desenvolvimento que merece.

P.^e ALBERTO GONÇALVES.

Club dos Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães

São convidados os sócios deste Club a reunir em Assembleia Geral, no dia 23 do corrente, pelas 21 horas, para dar cumprimento ao disposto no artigo 27 dos Estatutos.

Se não comparecer número legal de sócios, ficará a sessão adiada para o dia 26 do corrente, pelas mesmas horas, funcionando então com qualquer número de sócios.

Guimarães, 15 de Março-1934.

O Secretário,

Domingos André de Magalhães.

Ecos da Semana

José Roriz — Passa amanhã o aniversário natalício do nosso amigo, sr. José de Sousa Roriz, motivo porque o felicitamos.

Pedido de casamento — Pelos srs. Eduardo C. Barbosa e António Justino Chivita, comerciantes em Lisboa, foi pedida em casamento, para o sr. José Dias Fernandes, conceituado industrial em Lisboa, e sobrinho do nosso amigo sr. Celestino Lobo, de Vila Nova das Infantas, a sr.^a D. Ermelinda Alves da Silva Bastos, gentil senhora da freguesia de Cepães.

Aos noivos, os nossos parabéns.

Doentes — Continua incomodado o nosso amigo, sr. dr. Manuel Jesus de Sousa.

— Também se encontra algo doente o nosso amigo, sr. Capitão Duarte Fraga.

Desejamos as rápidas melhoras dos doentes.

Notícias pessoais — Com demora de algum tempo, partiu para Fafe o nosso amigo, sr. José da Silva Crêspo Guimarães.

Banda dos Guises — Este apreciado grupo musical comemora no próximo domingo o seu 31.^o aniversário, promovendo por tal motivo um jantar de confraternização e várias outras manifestações de regosijo.

Para que os componentes que já tomaram no caminho da vida não sejam esquecidos em tam significativa data, será celebrada uma missa no templo de S. Francisco, em sufrágio das suas almas.

Sufragando — Os amigos do inditoso Fernando Fernandes de

Crónica de Moreira de Cónegos

Posto telefónico

Qualquer melhoramento que interesse as populações rurais, quasi sempre votadas a um criminoso abandono por aqueles que só compreendem o rústico como misero escravo da terra, sem aspirações ao progresso a que indubitavelmente tem direito, qualquer melhoramento, vinhamos dizendo, teve sempre em nós um franco e leal cooperador.

E assim, em conversa com um amigo, falamos da necessidade de se pedir um posto publico telefónico para esta localidade, tendo-me elle logo oferecido o seu valioso auxilio. Animado da melhor boa vontade em dotar a região com tão útil melhoramento, cheguei a dizer a pessoa muito das relações da Junta para esta, como lhe competia, tratar do assunto. Como nada disse, lancei eu mão à obra e indico, para a instalação do telefone, o lugar de Vinhas, a sede da Estação Postal do mesmo nome, situado à margem de uma importante estrada nacional, centrando para as freguesias vizinhas como era de justiça que assim fosse.

Mas... a lembrança partia de mim e, portanto, seria um crime aproveitá-la. Foi como rocha que se deslucou do Coto sobre os magnates da Cueva (perdoem-me os dirigentes da Empresa do mesmo nome a alusão que não lhe diz respeito) a indicação de Vinhas para o telefone. Um ódio cego a este lugar, ou a quem lá reside, ódio que vem de há muito, não lhes deixou ver que se tratava de um melhoramento, a todos os títulos merecedor de carinho, e nunca de manobra politica para ferir adversários, com quem, por muitos motivos, não queremos terçar armas, e principiam uma campanha, movendo influencias de toda a ordem para que o telefone não fôsse ali collocado mas sim num lugarejo qualquer, espetado no rio Vizela, fora do grande trânsito e do commercio de Moreira de Cónegos.

E o resultado de tudo isto, ai fica bem patente para eterna gloria dêsse grandes moreirenenses: — Influências para a direita, influências para a esquerda, tricas e mexeriquices, levaram o Ex.^{mo} Administrador Geral dos Correios e Telegrafos, e muito bem, a tomar a resolução de «para a ordem para que o telefone ficarem melhor servidas, e em igualdade de circunstâncias, serão criados dois postos contanto que os interessados suportem os encargos das despesas totais».

Pois se elles — porque alguém lhes disse ter preferéncia na escolha do local quem oferecesse 60% das despesas a fazer com sua instalação — tiveram o pouco senso de oferecer essa percentagem, e como queriam que o Estado, sabedor das largas bólsas que por lá existem, subsidiasse esse melhoramento?!?! E agora?! E agora?!

Quem quiser o telefone terá de suportar as despesas totais.

Mais um sacrificio à freguesia — sacrificio bem escusado se, a parte velhos ódios, as coisas tivessem sido vistas pelo lado da Razão e da Justiça.

E digam, depois, que a culpa é do

Alcindo de Vilaverde.

Freitas, mandaram celebrar, no passado domingo, na Basílica de S. Pedro, uma missa em sufrágio da sua boa alma, acto que teve numerosa assistência, entre a qual se viam muitos rapazes, a Associação de Classe dos Empregados do Comércio, com o respectivo estandarte, família dorida, casas de caridade, etc., e foi bem a demonstração do golpe que a sua morte causou em todos os que o estimavam.

Foi celebrante o rev. José Maria Leite, que rezou também os responsos, ladeado pelas internadas do Asilo de Santa Estefânia, que cantaram o «Liberá me».

O «Notícias de Guimarães» e a Sociedade Protectora dos Animais — Acompanhado de um penhorante officio, recebemos da humanitaria S. P. dos A. o cartão que nomeia Sócio Honorário de tam prestimosa colectividade o «Notícias de Guimarães», pelo interesse que sempre tem dispensado aos animais, quer criticando, como lhe compete, todos aqueles que lhes fazem mal, quer incitando os cidadãos ao cumprimento dos seus deveres.

A' Direcção daquela colectividade, com os nossos agradecimentos, prometemos a nossa coadjuvação.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO - FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Elegante Salão

Rua Formosa, 307-1.º - Porto.
 Telefone, 6.226 LOPES & CARVALHO.
 O mais luxuoso e bem montado Salão de Cabeleireiro para Senhoras, com os mais modernos e perfeitos aparelhos Franceses. Massagista Alemã. Produtos de Beleza.

PROPRIEDADE

VENDE-SE, sita no lugar de Caneiros, Fermentões, dêste concelho, na estrada que vai para Braga, composta de casas de pedra e de terras de horta com ramadas e um tanque com água. E' alodial.

Para tratar na administração dêste jornal.

«REVISTA DE GUIMARÃIS»

COMPRAM-SE, nesta Redacção, os seguintes números:

Ano de 1884 — 2, 3 e 4. 1885 — 1, 2, 3 e 4. 1886 — 1, 2, 3 e 4. 1888 — 1, 2, 3 e 4. 1889 — 2 e 3. 1890 — 1, 2, 3 e 4. 1891 — 1, 3 e 4.

E' dever de todo o bom vimaranense assinar o **Notícias de Guimarães**.

NOVIDADE LITERÁRIA

«CARAPUÇAS»

(SEGUNDA EDIÇÃO, AMPLIADA)

Colecção de Sátiras
 Por Leão Martins

Já foi posto à venda, e encontra-se nas Livrarias: L. Oliveira & C.ª, Casa das Novidades, Casa Benamor, e nesta redacção, ao preço de 3\$00.

Aos amadores fotográficos

A casa **BENAMOR**, no Toural, encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Tem à venda todos os artigos Kodak. Grande sortido de máquinas fotográficas, róllos e chapas.

Artigos de Papelaria, Tabacos, Lotaria, objectos de Escritório e Perfumarias.

Produtos NALLY

Todos os artigos da sua vasta colecção se encontram à venda na Casa das Gravatas.

Tipografia Minerva Vimaranense

Rua 31 de Janeiro GUIMARÃIS

Impressões em tódos os géneros.

◆ RÁDIO ◆

Receptores, desde 1.000\$00
ATWATER KENTE

ABÍLIO MARTINS em Guimarães

Poupe o seu dinheiro
 Não dê ao estrangeiro o ouro que faz falta a Portugal

Não hexite, compre «SELU»

RIOBOM

Todos os pedidos para o Agente depositário dos distritos de Aveiro e Braga:
JOSÉ LIMA DOS SANTOS SILVA Telefone: 64 S. João da Madeira

CASA PIMENTA

De Alberto Pimenta Machado

Filial: RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37 — Telef. 180

Lanifícios, Tecidos de Algodão e Sêda, por Junto e a Retalho

Sobretudos, panos de casaco para senhoras, grandes saldos de casimiras, tecidos de lã para senhoras, aos melhores preços.
 Lotes de retalhos de casimiras.

COMPANHIAS DE SEGUROS

«**VICTORIA**», de Berlim

«**Eagle Star British Dominions**»,

Não façam os seus seguros, de vida ou de outro qualquer ramo, sem consultarem as várias modalidades que lhes pode apresentar o agente em Guimarães destas importantes Companhias, **JOAQUIM DE MAGALHÃIS BASTOS** - Rua Francisco Agra

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário de Filiado no Sindicato do Concelho de Guimarães

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOAQUIM DE MAGALHÃIS BASTOS, 30

Ex.º Sr.

Sociedade Martins Lammert
 Av. Pais Galvão

GUIMARÃIS